

REVERBERANDO MEMÓRIAS EM “CORPOS LONA”: *UM CIRCO DE MIL MULHERES*

Marina de Almeida Prado¹

Resumo: Essa pesquisa surge de uma paixão não programada, como todas são. Um afeto que me atravessa por todos os lados e me trouxe essa reflexão que começa aqui dentro, no corpo, onde surgem minhas inquietações de filha, mulher, mãe, artista e pesquisadora. Uma vontade surge. Falar sobre uma criação desenvolvida por duas mulheres de circo e suas histórias, narrativas e memórias. A partir do olhar sobre "história" que tem o antropólogo britânico Tim Ingold, em seu livro *Linhas, uma breve história* (2007), e a teoria do corpo sem órgãos, no livro *Mil Platôs* do Filósofo Francês Gilles Deleuze e seu colaborador Félix Guattari (1980), pretendo dar voz a um termo que trago nesta pesquisa, como um grande desafio, e, como um conceito que se propõe a justificar um corpo autônomo e vivo, que reverbera histórias e memórias em movimento. Um termo que recorto e utilizo como "Corpos Lona", o qual nos conta sobre um circo que vive no corpo, um corpo que age no mundo, e, a lona, a metáfora desse corpo ligado às mulheres fazedoras de arte. A partir do firmar do conceito corpos lona, narro como foi o processo de pesquisa e o recorte momentâneo da obra artística intitulada *Um Circo de Mil Mulheres* (2023), que nos conta em movimento, tudo que me proponho a dizer em palavras escritas.

Palavras-chave: Circo; Corpo; Autonomia; Mulheres artistas.

¹ Atriz circense, professora, empresária e pesquisadora do corpo e do movimento. Bacharel e Licenciada em Dança, Especialista em atividades circenses e Mestranda em Artes. Formada também em teatro musical, e residente no CEM- Centro em Movimento. Lisboa/PT. Cursou Ballet Clássico na escola de danças clássicas Teatro Guaira e formou-se em dança moderna pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mãe de duas meninas, Helena e Cecília. E-mail: marinaaprado@hotmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5460085367396853>

REVERBERATING MEMORIES IN “CORPOS LONA”: A CIRCUS OF A THOUSAND WOMEN

Abstract: This research comes from an unplanned passion, as they all are. An affection that permeates me from all sides and brought me this reflection that begins here, in the body, where my concerns as a daughter, woman, mother, artist and researcher arise. A desire arises. To talk about a creation developed by two circus women and their stories, narratives and memories. From the look at "history" taken by British anthropologist Tim Ingold in his book "Lines, a brief history" (2022), and the theory of the body without organs in the book "A Thousand Plateaus" by French philosopher Gilles Deleuze and his collaborator Félix Guattari (1997), I intend to give voice to a term that I bring in this research, as a great challenge, and as a concept that proposes to justify an autonomous and living body, which reverberates stories and memories in movement. A term that I cut out and use as "Corpos Lona", which tells us about a circus that lives in the body, a body that acts in the world, and, the canvas, the metaphor of this body linked to women who make art. From the establishment of the concept of canvas bodies, I narrate the research process and the momentary excerpt of the artistic work entitled "A circus of a thousand women" (2023), which tells us in motion, everything I propose to say in written words.

Keywords: Circus; Body; Autonomy; Women artists.

Figura 1 - Registro da Obra *Um Circo de Mil Mulheres*, em sua estreia, com as artistas Camila Cequinel e Marina Prado. Curitiba, 2023



Fonte: foto de Marcia Kohatsu

Reverberando memórias em “Corpos Lona”

Um Circo de Mil Mulheres (2023) é uma obra artística que prefiro não definir como circense, mas, também, teatral, corporal e autoral. Um encontro de linguagens que fala sobre duas mulheres e memórias reverberadas de muitas outras. Em cena, nesse recorte apresento aqui, duas mulheres brancas, mães e atrizes circenses.

Muitas das palavras que intitulam essa pesquisa geram discussões porque abarcam diferentes e legítimos campos de saber. Essa proposta traz um relato subjetivo e em movimento do processo e de como as artistas foram atravessadas no desejo de criar *Um Circo de Mil Mulheres*, um mergulho em experiências de dança, teatro, circo, encontros de vida e um borramento de tudo isso. É somente mais uma história, ainda inacabada, como todas são. Essa obra surge como ramificação no processo de escrita da dissertação de um Mestrado em Artes, com pesquisa voltada para mulheres de circo na cidade de Curitiba, na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/FAP.

Muitas questões na escrita foram se des/re/organizando enquanto a obra em corpo dançado se movia, saltava ou pendurava invertido. Chacoalhar e virar de cabeça para baixo é sempre bom para colocar as ideias em ordem!

A partir de então, foi sendo construída uma outra obra, nascida da escrita da pesquisa de mestrado e ganhando sua própria vida como proposta em movimento. Convidei para estar comigo em cena, uma amiga de 42 anos de amizade. Amiga de barriga, como falamos. Nos conhecemos nas barrigas de nossas mães.

Camila Cequinel, foi quem me convidou a fazer a primeira aula de circo, e que me trouxe até aqui, nesse ofício, nesta pesquisa, nessa dança que é história viva em movimento. Eu e Camila, fizemos juntas aquelas primeiras aulas de ballet, sapateado e jazz na escola ainda por volta dos 6 anos de idade. Fomos também juntas, balizas da banda marcial da escola, onde finalizávamos as coreografias em um super *espacate*. Para quem nos lê e não sabe o que é um *espacate*, vou lhes contar e lhes convido a tentar agora mesmo. *Espacate*: um movimento em que as pernas estão completamente abertas tocando o chão, uma para cada lado do corpo.

E por entre *espacates*, giros e danças, seguimos, às vezes juntas, às vezes separadas, mas, a vida sempre nos coloca pertinho novamente. E, nessa obra intitulada “Um Circo de mil mulheres”, aparece muito potente nossa história e encontros.

Figura 2- Registro de uma flor e de uma borboleta na apresentação de jazz e sapateado da Escola. Camila Cequinel e Marina Prado. Curitiba, 1987



Fonte: acervo da autora

Figura 3 – Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*, em sua estreia, com as artistas Camila Cequinel e Marina Prado. Curitiba, 2023



Fonte: foto de Marcia Kohatsu

O termo "Corpos Lona" que está no título da obra, veio pra mim como um conceito para compartilhar a visão que tenho de corpos que pesquisam as atividades circenses, corpos que invertem, que se penduram, que desafiam, que se movimentam sempre no risco, que criam outras possibilidades de ser.

Porque o Circo é imenso. Ele configura uma Lona, um picadeiro, muitas famílias, gerações, histórias, memórias, público, itinerância.

Como seria poder ser esse circo em corpo? Em corpos?

Nesse recorte, aparecem duas mulheres circenses brancas, mas que reverberam muitas outras corpos. Também surge da necessidade de compreender a autonomia desses corpos que se relacionam vivamente com os espaços e os ambientes circundantes, fora de uma lona fixa, mesmo que momentaneamente fixa. Corpos que trocam, compartilham e principalmente pulsam e reverberam memórias e histórias.

Figuras 4 e 5 - Registros da artista Marina Prado, antes de entrar em cena, em sua apresentação jazz e ballet da Escola. Curitiba, 1998



Fonte: acervo da autora

Joël Candau, em *Memória e Identidade* (2014), associa esses dois elementos na perspectiva de entrelaçamento mútuo, apresenta a ideia de necessidade de uma estar submetida à outra, complementando-se numa coordenação harmoniosa:

A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (Candau, 2014, p. 16)

Figuras 6 e 7 - Registros de Marina Prado (azul claro) Apresentação de jazz e sapateado. Curitiba, 1998



Fonte: acervo da autora

Escrevendo e movendo entre a montagem e a criação da obra e os escritos para a dissertação, senti estarem vivas essas memórias e histórias e revisitando-as pudemos nos presentear em revê-las de outras formas e modificá-las.

Como assim modificá-las e por quê? Foi uma pergunta que surgiu dentro do processo. Quando tratávamos de nossas histórias, tínhamos a sensação de ser algo passado, que já foi. Mas, para o antropólogo, pesquisador e professor britânico Tim Ingold (2007), que será um convidado nessa escrita, a história está inserida num corpo vivo e em movimento. Ele acredita que a história não é fixa, parada num lugar antigo feita de eventos e narrativas. História para Tim Ingold é um fluxo contínuo de experiências, um processo em desenvolvimento e transformação, que inclui corpos e pessoas como protagonistas, e não, como marionetes movidas por eventos externos. Portanto, são experiências vivas e reverberando. Elas estão acontecendo quando são lembradas, é como se voltassem a vida! Por esse motivo tínhamos a sensação de que estávamos movendo-as enquanto lembrávamos delas.

Ao habitar o mundo, somos envolvidos pelos múltiplos traços históricos e culturais que foram incorporados na paisagem. Estes traços, no entanto, não são uma prerrogativa dos humanos, mas de todos os seres e objetos que habitam o mundo. (Ingold, 2007, p.17)

Os “Corpos Lona”, portanto, habitam o mundo em movimento, são corpos que se movem em histórias e lembranças, que desdobram traços históricos, símbolos, memórias e trajetórias.

E rememorando enquanto move, cria um tipo de resistência, resiliência, porque, assim, num esforço para se reconhecer, reconectar, reconstruir e reviver, vai ampliando entendimentos e dando novos sentidos ao que já foi proposto um dia. Criando poéticas dessas memórias e as reinventando a cada momento de reencontro com elas.

Os “Corpos Lona” eternizam e ressignificam as histórias que o habitam. E encarar uma "coisa" como viva, seja ela vegetal, animal, mineral ou material, é reconhecê-la como um eterno acontecer, algo que pode transformar-se, que pode ser colocado em movimento (Ingold, 2012). Assim, a coisa nunca está isolada, seu acontecer sempre entrelaça outros.

Entendendo os “Corpos Lona” a partir desse olhar antropológico de Tim Ingold sobre história e memória, percebo-o, também, um corpo em estado de potencialidade que representa um despojar de estruturas convencionais porque já não é fixo, está em movimento, está vivo. Esse corpo refere-se a um modo de existir em arte, um estado que possui uma certa autonomia e que cria formas próprias de existir e resistir.

Para complementar esse pensamento, convido os autores Deleuze e Guattari (1980) e sua teoria sobre o corpo sem órgãos, cujo conceito remete a outra concepção do corpo humano, não mais visto como uma estrutura hierárquica organizada em torno de órgãos específicos. Mas, um corpo que está em constante fluxo, sem fronteiras ou limites claros, um corpo múltiplo de possibilidades.

Segundo os autores, o corpo sem órgãos é uma abstração que pode ser usada para explicar tanto as situações psicológicas quanto as sociopolíticas da vida moderna caracterizada pela fragmentação e alienação do indivíduo. Quando superamos uma lógica de poder e controle, o corpo sem órgãos pode se tornar uma plataforma para a criação de novas formas de subjetividade e novas formas de viver.

O corpo sem órgãos é um corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta polos, zonas, limiares e gradientes. Uma poderosa vitalidade não-orgânica o atravessa (Deleuze, 1997, p. 148).

Os “Corpos Lona” pedem e imploram por essa reflexão sobre as estruturas normativas e refletem as limitações impostas à corporalidade. Sugere, também, uma desconstrução das normas tradicionais de gênero e de expectativas sociais relacionadas especialmente às mulheres e um corpo feminino circense, fugindo de estereótipos convencionais e indo em direção a um espaço de liberdade e resistência.

Trazendo o corpo de mulheres para a discussão, rejeitando seu antigo papel histórico de repetição, desassociando-o da submissão e se voltando para a ideia de um corpo criador. Os “Corpos lona”, portanto, representam e afirmam uma potência que envolve um poder à medida que explora proezas físicas, expressividade e o domínio corporal para emergirem como corpos de mulheres e

artistas independentes e autônomas. Desvinculadas de mastros presos ao chão e donos de circo.

A partir desse entendimento sobre os “Corpos Lona”, memórias, histórias e duas amigas de barriga, vou contar um pouco sobre *Um Circo de Mil Mulheres*. Obra feita por mulheres, com iluminação, preparação corporal, figurino, cenário e trilha sonora, feita por mulheres. “Mil mulheres” fala sobre essas que nos residem, sobre as que vieram antes de nós e as que virão depois.

**A obra: *Um Circo de Mil Mulheres*
Cena 1: O nascimento**

Nasceram as duas, Nina e Virgulina. Uma Pendurada pelo pé e outra de pé pendurada. Cenário com muitos sapatos pelo chão, arara na parte de trás central com roupas que trocamos em cena durante o espetáculo. Nas laterais esquerda e direita da arara, dois cabideiros com casacos para a performance de dança com o cabide. Mesa na parte lateral esquerda mais à frente, baú do outro lado. Abajur acesso. Nós duas de ponta cabeça. Sem música. Iluminação baixa.²

Figura 8 – Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*, com as artistas Camila Cequinel e Marina Prado. Curitiba, 2023



Fonte: foto de Marcia Kohatsu

² Iluminação criada pela artista iluminadora Nádia Luciane.

O processo de criação do espetáculo começou em 2022, através do desejo de falar sobre mulheres e de potencializar discursos sobre histórias e memórias. A princípio seria um solo. Mas a ideia de compartilhar narrativas veio mais forte.

Nossos primeiros encontros foram de lembranças. A casa azul da família da Camila, que tinha um limoeiro e comíamos limão com sal. A piscina de plástico, também azul, que usávamos para brincar nos dias de sol e que ficava embaixo do limoeiro.

A escadaria grande que descíamos escorregando num “skybunda” com um papelão. Que nos rendeu muitos machucados.

As variadas vezes em que dormíamos ouvindo nossos pais tocando e cantando. Eles tinham uma banda na época. “Cortinas coloridas que escondem você...eeee”. Esse era o refrão de uma delas, que ainda reverbera em nós. Essa era uma canção composta por nossos pais, Bento Prado e Cequinel.

Lembramos de nossas mães com aqueles cabelos dos anos 1980, das brigas dos irmãos mais velhos. De quando roubamos a prova no cursinho para gabaritar. De todas às vezes que fugíamos da aula para jogar sinuca. Dos nossos encontros e reencontros. Lembramos tudo e tanto que já estava em corpo todas aquelas memórias. Nos próximos encontros, já estávamos com nossos cadernos em mãos para anotações sobre um possível roteiro, criamos cenas e demos nomes a elas, imaginamos cores, sons e luz que poderiam conduzir cada uma.

Por entre os sapatos, criamos diálogos corporais em trânsito. Ainda sem cruzar os nossos olhares, caminhamos por entre os passos que já foram dados pelos sapatos vazios. Sapatos que um dia foram de alguém, e, que caminharam por tantos e tantos lugares. Finalizamos essa cena guardando os sapatos em um baú, junto das memórias relembradas.

Figuras 9 e 10 - Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*, com as artistas Camila Cequinel e Marina Prado. Curitiba, 2023



Fonte: foto de Marcia Kohatsu

Figuras 11 e 12 – Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*. Curitiba, 2023



Fonte: foto de Bruno Pósnik

As marcas produzidas pela memória, além de ocorrerem em outra temporalidade, longe de serem representações, se manifestam na atmosfera daquilo que nos afeta. (Damasceno, 2014, p. 56)

No decorrer dos ensaios, percebemos que a memória passou a ser a engrenagem para criação e decidimos, também, por não usar a fala, apenas na cena final rimos alto, soltamos as vozes e cantarolamos uma música. Mas, não utilizamos texto falado. Utilizamos gravações de entrevistas que foram feitas para a dissertação. São 5 entrevistadas mulheres circenses que narram suas trajetórias no mundo do circo. Pedacos dessas entrevistas foram utilizadas para costurar e atravessar as cenas. As falas transitam no espetáculo fluindo entre o humor, a poética e a política.

Todas as falas retiradas das entrevistas são autorizadas pelas entrevistadas. Dentre as mulheres entrevistadas estão: A atriz Regina Vogue, mulher branca de 80 anos que fugiu com o circo quando era pequena e hoje ainda vive do ofício da arte. A artista circense Jessika Winnie, mulher branca professora de arte circense que mudou sua profissão para viver de arte. Lara González, mulher negra que vive do circo, palhaça, malabarista e professora de artes circenses. Isabela Leal, mulher branca trans que utiliza a palhaçaria para colocar suas questões de vida no mundo. E Tariana Zacariotti, mulher branca que viaja o Brasil levando o circo para comunidades afastadas. Todas elas reverberam suas histórias e narrativas nessa obra.

Figuras 13, 14 e 15 – Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*. Curitiba, 2023





Fonte: foto de Marcia Kohatsu

Cena 2: A mãe, e a bailarina

Cena em que se conectam, até então havia uma parede que as impedia de trocar olhares. A mãe movimentava a bailarina pelos cabelos, faz e desfaz um coque, sempre a manipulando por ele. Essa cena traz algumas memórias de

infância, quando nossas mães faziam os coques cheio de gel, muito apertados e repuxavam nosso rosto, para que nenhum fio saísse do lugar. Traz uma reflexão sobre o cuidado, mas também uma certa manipulação e rigidez. Nesta cena utilizamos uma voz em *off* e a música da artista curitibana, acordeonista, compositora e pianista Ágatha Pradnik, *Três Marias*.

Mãe? Você ouviu as mulheres que vieram antes de nós? Eu ouço quinhentas mil vozes que vibram na minha garganta como se tudo isso fosse um palco pra elas. Não sei dizer quais partes de mim são eu e quais são elas. Será que você vê quando elas me invadem e saem do meu corpo pra fazer tudo o que não puderam quando estavam vivas? (Cena do espetáculo *Um Circo de Mil Mulheres*)

Figuras 16, 17, 18, 19, 20 e 21 - Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*.
Curitiba, 2023









Fonte: fotos de Bruno Pósnik

Cena 3: A caminhada

Pesquisa de movimentação em cima de uma mesa com o equilíbrio em garrafas de vidro nas sapatilhas de ponta. Essa cena foi trabalhada a partir de uma performance já existente. Uma movimentação que utiliza o equilíbrio em garrafas de vidro nas sapatilhas de ponta.

Os desdobramentos dessas relações com objetos que o circo nos proporciona são incríveis, fomenta criatividade e proporciona muitas outras possibilidades de mover e reverberar.

A “Cena da Caminhada” é um relato do nosso encontro, como artistas fora e dentro da cena, e vai sendo atualizada no equilíbrio provisório do caminhar, entre o real e o simbólico, o passado e o presente. Com música da artista curitibana Thais Morell, *Segura o tomo da canoa*.

Figura 22, 23 e 24 - Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*. Curitiba, 2023



Fonte: Fotos de Bruno Pósnik

Cena 4: Um fio, uma conexão, memórias

Ingold (2007) enfatiza que as linhas de histórias não são estáticas, são criadas e modificadas através das ações e escolhas que tomamos, portanto, para ele, histórias são resultados de um processo de caminhada e movimentação no espaço, deixando rastros e percursos que constituem histórias em constante movimento.

Como uma narrativa, onde o movimento e a experiência se desenvolvem ao longo do tempo. Em um constante devir, como sugere Ingold ao afirmar que o movimento da vida é o ato de tornar-se, e não o de ser.

Momento em que, a partir da pesquisa com a linha, configuramos um recorte coreográfico e repetimos até que ele se transforme em outras movimentações que nos levam a pequenos improvisos, entre desenrolar e enrolar essas linhas. Nesse momento utilizamos uma composição da artista curitibana Melina mulazani, *La serena*.

Figura 25 - Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*. Curitiba, 2023



Fonte: foto de Bruno Pósnik

Cena 5: A gigante

Voz em *off*: "o que a gente faz pra tornar essa montanha mais alta para vermos além?" As próximas cenas do espetáculo, iniciando com essa, da gigante, são mais voltadas para a comicidade. O riso que provoca não é apenas cômico, é político e mobiliza estados de presença, incomoda, desacomoda, faz pensar, questiona.

Um chá servido ao som de Chiquinha Gonzaga. Seria um privilégio estar mais alta que alguém? Mesmo estando em cima, por cima, sendo carregada por debaixo de uma saia? É uma cena questionadora. Nessa cena utilizamos a Música *Atraente*, de Chiquinha Gonzaga, Composta em 1847.

Figura 26 - Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*. Curitiba, 2023



Fonte: foto de Bruno Pósnik

**Cena 6: Nunca mais serão manipuladas
Cena em que dançam com os cabideiros**

Hoy todo es posible y me he dado cuenta que es más difícil para los hombres porque existen muchas referencias cómicas, no así para las mujeres. Todo está por inventarse, porque nosotras no tenemos de donde copiar, porque no hay un original. Tenemos todo por delante y eso para un artista es magnífico. (Hutter, 2011, n.p.)

Figura 27 e 28 - Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*. Curitiba, 2023



Fonte: fotos de Bruno Pósnik

Cena 7: Zoraide: a manequim que gosta de ser aplaudida

A “cena da Zoraide” que é uma manequim manipulada e que, durante o número, vai perdendo pedaços, traz a palhaçaria através do riso de mulheres. E esse convite dado ao público, para que eles possam rir através da comicidade feminina evidencia questões de gênero e questiona padrões que se repetem em cena.

Durante os ensaios, achamos que essa cena não iria funcionar, tivemos medo e ficamos inseguras. Mas, resolvemos mantê-la no espetáculo. É realmente muito interessante o efeito que causa no público o riso partindo de mulheres. É quase que um susto para a plateia quando percebe que estamos os fazendo rir.

Os seres abjetos habitam as zonas inóspitas, os espaços desagradáveis, inabitáveis da vida social (Butler, 2002, p. 158). Assim, uma mulher que se revela cômica é essa que transita por esses espaços de exclusão, desestabilizando padrões e fronteiras.

Figura 29 e 30 - Registro de *Um Circo de Mil Mulheres*. Curitiba, 2023





Fonte: fotos de Bruno Pósnik

Uma pequena conclusão

Acreditamos em um caminhar ao encontro da autonomia. Crendo que autonomia significa a capacidade de agir e tomar decisões de forma independente e livre das restrições sociais. Acreditamos que existem milhares de mulheres corpos lona por ai, lendo, pesquisando, maternando, dançando, rindo, criando.

No contexto das mulheres circenses, essa autonomia pode ser compreendida de diversas formas, na nossa independência financeira, desenvolvendo nossa própria fonte de renda, empreendendo, empresariando, aprimorando habilidades e trabalhando como artistas e donas do nosso próprio circo, que é o corpo, e isso, nos torna independentes e capazes de tomar decisões sobre nossas próprias vidas. Sobre nossos “Corpos Lona”.

Autonomia no ir e vir, no ficar, na escolha do que falar, do que vestir, de como quer de fato SER.

Existem milhares de mulheres corpos lona por aí, lendo, pesquisando, maternando, dançando, rindo, criando...

Figura 31 - Registro de um “Corpo Lona”. Amamentando antes de entrar em cena, a logo após... Com a mãe, artista e pesquisadora Marina Prado, Curitiba, 2019



Fonte: foto de Kaiane Jacobowski

Às mulheres que fizeram parte dessa pesquisa.

Obrigada!!

Irmãs, mães, avós, todas as mulheres do circo, às bisavós, todas as pesquisadoras que falam e pesquisam sobre mulheres, trisavós e as mulheres que estão por vir.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith (1993). **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Traducción: Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DAMASCENO, Letícia. **Dança e subjetividade: constituição e manifestação da memória do corpo**. 2014. Tese (Programa de Pós-graduação em Memória Social – PPGMS) – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Como criar para si um corpo-sem-órgãos. *In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Coordenação e tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1980. v. 3.

DELEUZE, G. Para dar um fim ao juízo. *In: Crítica e clínica* Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

HUTTER, Gardi. Site oficial. Entrevista com Gardi Hutter: realizada por Marisa Ribeiro Soares – 4 de dezembro de 2011, antes do espetáculo “La Couturière”, no Teatro Vidy-Lausanne, na Suíça. Disponível em: <http://www.gardihutter.com/> Acesso em: out. 2024.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, Tim. **Linhas**: uma breve história. Londres: Routledge, 2007.

Recebido: 16/03/2024

Aceito: 13/08/2024